

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR DAS CHAMADAS DETERMINAÇÕES-DA-REFLEXÃO (REFLEXIONSBESTIMMUNGEN)¹

Jesus Ranieri²

Resumo: O trabalho trata da experiência do autor em estudos de aspectos da relação estabelecida entre Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Karl Heinrich Marx, notadamente aqueles de caráter metodológico. O texto passa também em revista uma produção europeia recente, principalmente italiana, que reivindica competentemente um estudo genético da referida temática. Nosso texto tem portanto a intenção de expor para o leitor brasileiro dimensões da interpretação internacional diretamente relacionada com as citadas teorias desenvolvidas por Hegel e Marx. Parte significativa do argumento final do trabalho está preocupada com a demonstração do conteúdo cognitivo da teoria de Hegel, retomada por Marx, que corrobora elementos de uma lógica modal, fortemente apoiada naquilo que Hegel denomina determinações-da-reflexão, um importante mergulho feito pela Filosofia na investigação científica acerca da coesão interna de objetos apreendidos pela capacidade humana de abstração, onde coexistem orientações vinculadas ao espelhamento mental de entes exteriores à consciência, sempre ressignificados a partir das modalidades singularidade, particularidade e universalidade. Essa absorção metódica distingue objetividades produzidas pela atividade humana da realidade exterior natural.

Palavras-chave: Hegel. Marx. Trabalho, Reflexão. Abstração.

HEGEL AND MARX – PRESENTATION OF A DIALOGUE AND THE PLACE OF THE SO-CALLED DETERMINATIONS-OF THE-REFLECTION

Abstract: The work deals with the author's experience in studies of aspects of the relationship established between Georg Wilhelm Friedrich Hegel and Karl Heinrich Marx, notably those of a methodological character. The text also reviews a recent European production, mainly Italian, which competently claims a genetic study of the aforementioned theme. Therefore, our text intends to expose to the Brazilian reader dimensions of international interpretation directly related to the aforementioned theories developed by Hegel and Marx. A significant part of the final argument of the work is concerned with the demonstration of the cognitive content of Hegel's theory, taken up by Marx, which corroborates elements of a modal logic, strongly supported by what Hegel calls determinations-of the-reflection, an important dive made by Philosophy in scientific investigation about the internal cohesion of objects apprehended by the human capacity for abstraction, where orientations coexist linked to the mental mirroring of entities outside consciousness, always ressignified from the singularity, particularity and universality modalities. This methodical absorption distinguishes objectivities produced by human activity from natural external reality.

Keywords: Hegel. Marx. Work. Reflection. Abstraction.

O presente texto é uma informação acerca de nossa atividade empreendida a partir de meados dos anos 2.000 e que deu origem à nossa tese de livre-docência, defendida em 2008, assim como ao material entregue para a defesa do cargo de professor titular, acontecida

¹ O escrito atual tem por base um trabalho maior denominado “Notas sobre Marx – a presença de Hegel e o lugar das determinações-da-reflexão para a constituição de uma teoria genética”, publicado em *Além do véu de névoa: leituras e reflexões em torno de O capital, de Karl Marx*, Coleção Idéias 14, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas – SP, 2018.

² Professor Titular do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp). E-mail: jranieri@unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1181-1602>

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

em maio de 2017. Tanto naquela quanto nessas oportunidades, ficara evidente que uma pesquisa aprofundada da obra de Karl Marx tinha de passar, necessariamente, pela investigação dos escritos de Hegel, em virtude da dívida teórica daquele primeiro com relação a este último — pesquisa especialmente concentrada em *A ciência da lógica* (denominada ‘A grande lógica’) e o primeiro livro da *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*, edição de 1830, com os adendos orais (também chamado *A ciência da lógica*, mais conhecido como ‘A pequena lógica’), assim como *A fenomenologia do espírito*, sempre considerando que essa proximidade teórica não estaria jamais restrita ao período dos escritos de juventude de Marx, mas se inseria naquele de redação de *O capital*³. No período imediatamente posterior a defesa daquele trabalho de livre-docência, a experiência alcançada em aulas na graduação e pós-graduação no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp apontava no sentido de uma incursão cada vez mais profunda nos textos de Hegel e, ao mesmo tempo, o acompanhamento um tanto mais detido da obra de Marx, especialmente aquela da chamada fase de “maturidade” do autor. Cursos concentrados na leitura do livro I

101

³ Como o escopo desta pesquisa tem a ver com a seleção de uma produção crítica sobre o marxismo produzida na Itália — em virtude de um pós-doutoramento realizado em 2016 na Università degli Studi di Milano-Bicocca — é interessante notar o quanto esta produção se assemelha, em grande parte, a conclusões e resultados de pesquisas feitas no Brasil, com uma vantagem: no caso italiano, a amplitude, a profundidade e a originalidade de temas tem o reforço da erudição de estudos ambientados numa tradição já milenar, na qual o objeto específico referido à obra de Marx ganha em diversidade, devido à possibilidade de encarar as suas raízes do ponto de vista de uma investigação muito mais ampla, inclusive no que diz respeito à formação da própria Europa. A diversidade de absorção, pelos autores italianos, das questões colocadas por Marx no conjunto de sua obra auxilia muito no tipo de escolha que pode ser feita no momento de enveredar por textos específicos e, dada a amplitude da produção marxiana, o recorte realizado sempre estará, de alguma forma, contido em alguma destas contribuições. Nesse sentido, e corroborando essa nossa hipótese sobre a relação Hegel-Marx, é preciso dizer que parte significativa da produção intelectual italiana sobre o marxismo e sua herança teórica encontra em Hegel uma das figuras mais importantes naquilo que diz respeito ao significado da dialética e da metodologia filosófica no que é característico e decisivo nas reflexões e conclusões presentes na obra de Marx. Num ensaio sobre os *Manuscritos econômico-filosóficos*, ensaio no qual se discute o lugar de Hegel nas reflexões contidas no referido texto original de Karl Marx, diz Vanzulli: “Aqui, não se está falando sobre a questão do hegelianismo de Marx — que é um outro tema, o qual não se resolve recordando a superação da posição ontológico-idealista, de resto inegável, na medida em que o hegelianismo de Marx persiste pelo menos naquela compreensão a respeito da dinâmica dos processos e as formas relacionais [existentes] entre os seus elementos. Além disso, a mesma crítica feuerbachiana da especulação será mantida por Marx em suas reflexões posteriores (exemplos são encontrados na própria *Ideologia alemã*, obra na qual Marx e Engels ‘acertam as contas’ [chiudono] com Feuerbach), embora, é claro, no interior de uma similitude dialética articulada e reconhecida entre os diversos componentes de uma problemática dada. É notável também que, se após 1846 Marx não se ocupa mais de Feuerbach, Hegel ainda permanecerá como ponto de referência — citado positivamente em momentos teoricamente significativos, desde *A ideologia alemã* até *O capital*. E mesmo no conhecido posfácio de 1873, onde Marx distanciou-se da posição idealista, ele se proclama um discípulo de Hegel”. Vanzulli, Marco. **La critica tra scienza e politica. Scritti su Marx**. Roma, Aracne Editrici, 2015, p. 22-23 (Os colchetes são de minha autoria). E ainda numa perspectiva semelhante, ainda que com desdobramentos particularmente distintos, é importante citar: Finelli, Roberto. **Un parricidio mancato. Hegel e il giovane Marx**. Torino, Bollati Bolinghieri, 2004, *passim* e Cesarale, Giorgio. **Filosofia e capitalismo**. Roma, Manifestolibri, 2013.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

de *O capital*⁴ foram oferecidos tanto na graduação quanto na pós-graduação, em diferentes períodos e com distintas abordagens, a fim de que a atualidade de Marx aparecesse como elo entre a crise econômica que sedimentava naquela época e a compreensão de seus motivos já historicamente elencados por um autor da sociologia clássica.

Ainda na fase de redação da tese de livre-docência a percepção de que o estudo poderia se concentrar mais detidamente nas obras metodológicas de Hegel acabou tomando bastante corpo, o que deixou em segundo plano o aprofundamento da investigação de *A fenomenologia do espírito*, fato que garantiu maior exegese dos livros concernentes à *Enciclopédia das ciências filosóficas*, especialmente o primeiro dos volumes, o já citado *A ciência da lógica*. Em larga medida, o tratamento da obra de Hegel enriqueceu bastante a própria interpretação dos escritos de Marx, em virtude principalmente da organização lógica que diz respeito ao conjunto dos capítulos de *O capital*. Em certo sentido, é bastante provável, por outro lado, que a carga da temática relativa a Marx tenha inclusive contaminado a nossa interpretação do sistema de Hegel, atribuindo a este último um certo materialismo inerente à lógica da abstração⁵ que pode não necessariamente estar ali presente. Ao mesmo tempo,

⁴ Referimo-nos aqui especialmente ao já citado Marx, Karl. **O capital**, livro I, São Paulo: Boitempo, 2013. Para o necessário cotejamento, utilizamos também: Marx, Karl. **Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie**. Berlim, Dietz, 1989-2001, MEGA II/5, assim como Marx, Karl. *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*. In: **Karl Marx & Friedrich Engels Werke**, Band 23, Buch I, Berlim, Dietz Verlag, 1962.

⁵ Entendemos o fenômeno da abstração como ferramenta indispensável à reflexão humana, tanto do ponto de vista de sua importância naquilo que diz respeito ao isolamento necessário de elementos componentes de um processo, quanto no sentido da importância desse isolamento para compreendermos adequadamente a construção de objetividades na sua relação com a realidade material. E isso aparece como ponto de partida dos próprios autores, ou seja, tanto nas análises originais de Hegel quanto naquelas de Marx. Porém, no caso específico da interpretação do próprio Hegel acerca daquilo que significa “abstrair”, a coisa muda de figura, pois, dependendo da ocasião, sua noção do que seja abstração tem a ver com o rompimento da essência, ou seja, abstrair pode ser o mesmo que tomar o todo pela parte: sua alusão às abstrações segue o caminho da incompletude referente à possibilidade de conhecimento universalizante da ideia, em que abstrações acontecem como ensimesmamento de um entendimento que tem dificuldades para ir além de si próprio. Vejamos o exemplo, destacando a ironia de Hegel: “Eu necessito somente acrescentar alguns exemplos à minha proposição, com os quais todos concordarão que esses a confirmam. Um assassino é conduzido ao local de execução. Para o povo em geral trata-se somente de um criminoso e nada mais. Algumas damas comentam talvez que ele é um homem forte, belo e interessante. O povo reage com repulsa: ‘o quê? Um assassino belo?’ ‘Como se pode pensar tão equivocadamente a ponto de chamar um assassino de belo?’ ‘Vocês não são melhores do que ele!’ O padre, que conhece bem a razão das coisas e os corações, acrescenta talvez, que isto é um sinal da corrupção dos costumes que permeia as classes superiores [...] Uma pessoa que realmente conheça o ser humano traça o caminho de formação do criminoso: ele encontrará na história do criminoso uma educação deficiente; péssimas relações familiares entre seu pai e sua mãe; alguma punição monstruosa após um leve delito, que deixa esse homem amargurado com a ordem civil; uma primeira reação dessa ordem contra ele, excluindo-o da sociedade e possibilitando-lhe a partir daí a sobrevivência somente através do crime. Provavelmente existem pessoas que ao ouvirem tais coisas dirão: este quer isentar o criminoso de sua culpa! Eu me lembro bem ter ouvido, quando era jovem, um prefeito reclamando que os escritores estavam passando dos limites, pois procuravam destruir totalmente o cristianismo e a honradez. Segundo o prefeito, um deles teria escrito uma apologia ao suicídio; horrível, horrível demais! Algumas perguntas mais e descobriu-se que se tratava do *Sofrimentos de Werther* [...] Pensar abstratamente significa isto: ver no assassino somente o fato

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

porém, é bastante difícil não perceber que todo e qualquer conteúdo só ganha status, em Hegel, de conteúdo necessário se ele estiver submetido à prova da existência objetiva, o que faz da abstração nessa perspectiva sempre algo que não terminou ainda o caminho possível da demonstração da racionalidade referida ao ser. De qualquer forma, a insistência na comparação entre os textos foi dando lugar à iniciativa de leitura isolada de cada um dos autores, o que na verdade representava uma tentativa de filtrar o que cada um deles tinha de particular e, no limite, encontrar o que de Hegel restava nos textos de Marx. Esse trabalho de cotejamento enxugou bastante o conteúdo defendido em 2008, dando a ele um ritmo e aspecto de emparelhamento muito forte com a letra de Hegel, o que tornou, de quando em vez, a leitura um tanto cansativa e também obscura, em virtude do resultado das tentativas de tornar mais claro o tratamento dispensado por Hegel às categorias de seu sistema.

O resultado desse empreendimento todo é que o livro oriundo da tese de livre-docência, *Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir* (São Paulo, Boitempo, 2011), terminou por se compor em um texto no qual Hegel aparece praticamente como único autor investigado e Marx, aqui e ali, solicitado para que a base comparativa da pesquisa se mantivesse em pé, ao mesmo tempo em que o mesmo Karl Marx garantia legitimidade a um estudo, no limite, sociológico a respeito da herança deixada, para a própria Sociologia, por um gigante da Filosofia. Nesse sentido, o atual texto, este que ora apresento, tem sua base inicial naquela tese de 2008 e é fortemente influenciado pelo livro de 2011, sendo que em larga medida se ampara nele para se desenvolver. E isso acontece em virtude dos escassos trabalhos de Marx sobre metodologia científica e ao fato de que, se essa escassez existe, ela certamente tem a ver com a forma e a medida em que as contribuições da filosofia hegeliana foram incorporadas pelo autor alemão. Então, nossa aplicação em demonstrar, não somente neste texto, mas em parte significativa do que já escrevemos sobre o tema relativo à herança hegeliana de Marx, o lugar e o espaço das categorias modais; a relação sujeito-objeto do ponto de vista de um processo que combina interioridade e exterioridade objetivas e subjetivas; a concepção de ciência e sua realização a partir de um método adequado; a relação entre reflexão, reflexo e abstração; a distinção entre realidade e objetividade; a noção de sistema; o trabalho como centralidade de um processo reflexivo, que dá origem em Marx a

abstrato que ele é um assassino e através desta simples qualidade anular toda a essência humana ainda remanescente nele” (Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. Quem pensa abstratamente? In: *Revista Síntese Nova Fase*, v. 22, no. 69. Belo Horizonte, 1995, p. 237). Devo a Hyury Pinheiro, meu ex-orientando de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, a indicação deste texto de Hegel.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

uma teoria da reflexão ou espelhamento, tudo isso já foi de alguma maneira exposto no trabalho de 2011 e reaparece agora, na medida do possível, numa roupagem melhor atada à redação do próprio Marx: o atual texto procurará demonstrar rapidamente o quanto as categorias lógicas inscritas na crítica da economia política são, em verdade, formas reflexivas que incorporaram teoricamente, pelo pensamento e, portanto, reflexão, a maneira de se constituir das determinações reais, uma vez que

a contribuição metodológica marxiana serviu para mostrar que o argumento central da contribuição de Hegel estava intimamente vinculado ao lugar da atividade humana no processo histórico de constituição objetiva e subjetiva dos seres humanos e dos produtos de seu trabalho, ainda que a *produção da vida* propriamente dita fosse obscurecida pela trajetória em princípio puramente intelectual e abstrata de uma razão que a tudo abarca e converte em objeto de conhecimento, uma vez que tanto os seus produtos como ela mesma são partícipes de um percurso iniciado e finalizado pela sua autoconstituição — a teleologia do trabalho era lançada a uma esfera tão ampliada (e fora de seu próprio alcance) que o controle das causalidades ficava submetido a um artifício teórico que se aproximava do postulado da providência; ao mesmo tempo, porém, o correto princípio de análise da dinâmica das conexões causais mostrava que o caminho potencial da filosofia era o de conceber a ciência como unidade entre consciência e materialidade, fazendo com que uma e outra se tornassem — em função de seu entrelaçamento — tanto objeto como agentes do proceder do conjunto do ser social.⁶

E essa similitude e relação metodológica umbilical estão de tal forma sedimentadas que é, ao nosso ver, impossível compreender adequadamente Marx sem passar pelos escritos de Hegel de uma forma a explorar intensamente as categorias expostas, num exercício obrigatório de compreensão extensiva à própria fecundidade da teoria de Marx⁷. E isso é tanto mais sério quanto mais se pretenda ampliar o leque no que diz respeito aos estudos da obra deste último. Essa unidade é aqui saudada e reivindicada, posto que não é possível conceber o que seja a dialética sem o exercício duplo de análise dos autores; por um lado, isso acontece porque o primeiro deles coloca em termos metodológicos todo o complexo

⁶ Cf. Ranieri, Jesus. **Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir**. São Paulo, Boitempo, 2011, p. 12-13.

⁷ “A inexorabilidade da raiz filosófica da teoria de Marx deve ser compreendida colocando-se à luz o papel fecundo desenvolvido por essa mesma raiz, na medida em que se tornou possível aquele delineamento histórico-social que põe sob questionamento a suposta eternidade do modo de produção capitalista. [...] Se formos instados a fazer uma consideração a respeito da permanência desse substrato filosófico, é possível certamente afirmar que o pensamento marxiano é inteiramente caracterizado por ele e que a sua negatividade e criticidade encontram também nele o seu mais genuíno alimento. Exclusivamente sobre a base de sua conexão imanente com a filosofia hegeliana Marx se mostra em posição de incorporar o núcleo profundo das relações sociais próprias do modo de produção capitalista e desenvolver a sua análise a respeito da mercadoria, do dinheiro e do capital, fornecendo com isso uma orientação do pensamento que ainda hoje é fecunda de novos desenvolvimentos”. Cf. Vinci, Paolo. **La forma filosofia in Marx. Dalla critica dell’ideologia alla critica dell’economia politica**. Roma, Manifestolibri, 2011, p. 122.

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

das dependências genéticas que constituem o ser social; por outro, a atualização desta contribuição aparece para nós como o diagnóstico da sociedade do presente, aquela em que a qualidade do tipo de exploração econômica e política muda completamente o ambiente e as relações humanas, uma vez que sua amplitude e ampliação infinitas são o próprio fulcro a partir do qual a reprodução social da vida se constituirá. E tanto num caso como no outro, é preciso levar em conta o que os autores dizem quando a consideração em pauta – do ponto de vista de uma teoria que tem como fundamento a emancipação humana — é aquela que concerne à historicidade do materialismo, exatamente pelo fato de ambas as teorias terem sua base no aprofundamento do lugar da atividade humana como substância a partir da qual podemos derivar todos aqueles elementos constituintes de nossa existência. E isto é fato inclusive no tocante ao feito hegeliano (que se reproduz em Marx) de permitir que, uma vez demonstradas as características geradoras da homogeneização do objeto, as diferentes homogeneizações só podem se relacionar entre si por meio de processos marcadamente heterogêneos, em função da determinação que sempre está imersa em qualquer negação, ou seja, as especificidades dependem sempre de suas relações para que se definam e a relação estabelecida entre objetos pertencentes a distintas homogeneizações só chegam a este ponto depois de vencidas as heterogeneizações originárias⁸. Qualquer identidade só se consolida a partir do caráter das determinações que são responsáveis por isso.

Nesse sentido, em termos metodológicos, a processualidade aparece como aquilo que determina tanto a realidade tomada em si mesma quanto o conhecimento que podemos desenvolver a respeito dela. Se o real é sempre resultado de um processo, então este resultado só pode ser apreendido racionalmente (no sentido da ampla compreensão de suas conexões internas) por meio deste processo que o torna produto; por intermédio, portanto, de sua gênese. O resultado é, então, objetividade, ou seja, o seu fundamento será sempre a gênese real. A distância entre realidade e objetividade é aquela possível entre causalidade natural e ação humana – a objetividade real depende da intermediação do trabalho para se constituir e, claro, de intenções para que se estabeleça como produto efetivo da atividade humana; a realidade natural se constitui como relação de causalidade e se torna objetividade a partir do momento em que está presente nela a referida atividade que subverte a causalidade em termos de produtos tanto materiais quanto abstratos oriundos da consciência que tem um mínimo de ciência (no sentido de estar ciente) das próprias necessidades. Não existe trabalho sem

⁸ Cf. Ranieri, Jesus. **Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir.** *Op. cit.*, p. 47.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

reflexão, portanto, não existe objetividade sem consciência, ainda que a realidade causal possa, sem dúvida, continuar consistentemente sua existência à revelia do ser consciente. E o acompanhamento adequado do percurso desse processo reside, em primeiro lugar, na capacidade de reflexão humana sobre os distintos elementos componentes tanto da complexidade interna do objeto quanto do lugar desta complexidade na formação (hominização e cultivo) do próprio sujeito que procura compreender o conjunto do referido processo⁹.

É preciso acrescentar ainda que o fio condutor da leitura destes dois grandes autores, Marx e Hegel, sempre foi oferecido por um terceiro, György Lukács, pois certamente, dentre os filósofos marxistas que atuaram fortemente no século XX, Lukács foi o maior conhecedor de Hegel ou pelo menos aquele que mais auxiliou no entendimento de sua doutrina a partir de uma leitura materialista – aliás, é possível afirmar que a interpretação lukacsiana de Hegel chega ao ponto de garantir que a estatura teórica deste último somente pode ser mesmo desvendada e reconhecida no todo a partir das descobertas do materialismo de Marx, pois ali, na investigação científica levada a efeito por Hegel, há uma forte contribuição a respeito do lugar da abstração na estrutura do método científico e, portanto, do lugar do pensamento e da reflexão na sua relação com a realidade, relação que demanda a incorporação da materialidade e da objetividade na constituição das subjetividades. Certamente, a trajetória dos escritos de Hegel é um modelo único para alavancar o debate a respeito da constituição da própria modernidade¹⁰, na medida em que a postura e constituição

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 51.

¹⁰ Tomando por fundamento o pensamento de Hegel, é certo que existe uma reflexão que se desdobra em envolvimento teórico que fez com que muitos autores enveredassem pelo caminho do reconhecimento da contradição que servirá como sustentáculo do presente, autores cuja produção está umbilicalmente vinculada à própria obra lukacsiana de juventude, na medida em que este último é legítimo inspirador das contribuições da Escola de Frankfurt. Nesse sentido, Jürgen Habermas (**Der philosophische Diskurs der Moderne**. Frankfurt, Suhrkamp, 1986) é referência, assim como Theodor Adorno (**Negative Dialektik**. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1970). A respeito deste último, é importante lembrar o seu argumento, ou seja, o quanto a afirmação presente na liberdade histórica designada pelo *espírito do mundo* hegeliano é desmentida pela heteronomia da reprodução capitalista, numa clara relação contraditória e intransponível entre o avanço supra-individual da razão e as ações individuais que dão sustentáculo e continuidade ao sistema, ou seja, basicamente relações mercantis. Nesse sentido, afirma Tommaso Riva, entendendo, ao referir-se a Adorno, o modo de produção capitalista como o cerne da contradição da sociedade do presente: “[Para Adorno,] a sociedade deve ser examinada a partir da categoria totalidade, compreendida no seu sentido dialético [...] Trata-se de mostrar que na sociedade existe um princípio sintético que determina, de forma imanente, a conexão de todo fato social. A troca cumpre, para Adorno, objetivamente esta tarefa: ‘o que torna a sociedade uma entidade social, que a constitui seja conceitual, seja realmente, é a relação de troca, que conecta virtualmente todas as pessoas’ (cf. Adorno, Theodor. **Einleitung in die Soziologie**, Frankfurt am Main, p. 57). A troca é o princípio de mediação que assegura a reprodução da sociedade e que conecta, entre si, todos os seus agentes”. E ainda: “A demanda crítica que move Adorno é de grande interesse: a sociedade dominada pelo modo de produção capitalista se constitui de uma estrutura específica na qual as ações singulares dos indivíduos se compõem de

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

da *consciência-de-si* é justamente a oportunidade da consciência saber-se a partir da *alteridade*, conflito que, na modalidade hegeliana de percepção do mundo, sempre aparecerá como negação e, portanto, determinação. Falando de outra forma, a consciência-de-si somente é algo na medida em que entre ela e ela mesma está posta a objetividade histórica do mundo como um todo.

Além disso, a presença de Lukács é também fundamental para que compreendamos de forma mais aberta o lugar daqueles autores no debate contemporâneo entre racionalismo e irracionalismo e de como esse embate se reproduz nas tarefas atribuídas às pesquisas particulares de áreas inteiras do saber, como a Filosofia, a Sociologia, a Economia e a Ciência Política¹¹. É claro que não é esse o objeto, e nem o objetivo, desse nosso texto, mas sem dúvida a atualidade dessas contribuições (falando especificamente das referidas ciências particulares) tem reflexos na esfera da política como um todo, incluindo

uma objetividade que domina os próprios agentes sociais. No modo de produção capitalista se rompe a clássica antítese entre natureza e história. Uma tal antítese é, em si mesma, falsa e verdadeira: é verdadeira na medida em que a legalidade que se impõe aos agentes sociais é um construto próprio seu e, portanto, histórica; e é falsa na medida em que esta legalidade produzida historicamente age sobre tais agentes como sendo uma lei da natureza. Como afirma enfaticamente Adorno: ‘A objetividade da vida histórica é aquela de uma história natural’ (Adorno, Theodor. **Dialettica negativa**. Torino, Einaudi, 1970, p. 319)”. Cf. RIVA, Tommaso Redolfi. Teoria critica della società? Critica dell’economia politica. Adorno, Backhaus, Marx. In: *Consecutio Temporum* no. 5, Roma, 2013. Consultada em: www.consecutio.org/2013/10/teoria-critica-della-societa-critica-delleconomia-politica-in-adorno-backhaus-marx/.

¹¹ É importante lembrar que parte significativa dos estudos sobre Marx que nasceram no final dos anos 60, início dos anos 70 do século passado, em larga medida tem sua inspiração na Escola de Frankfurt, notadamente em Adorno. Especialmente naquilo que diz respeito às contribuições de Hans-Georg Backhaus, Moishe Postone, Helmut Reichelt, essa herança é bem evidente e se configura a partir de uma interpretação mais ‘aberta’ de *O capital* do que seria oportuno conceber, apesar de ser uma leitura extremamente competente e corrosiva àquelas interpretações que advieram do positivismo e economicismo. Na verdade, talvez exista aí uma tensão entre o cerne da pesquisa de Marx no que toca às determinações provenientes da esfera da produção e a noção, mais ou menos difundida entre os autores da Escola de Frankfurt, que reivindica para a esfera da circulação os componentes mais problemáticos da sociedade do presente – em suma, o estranhamento da modernidade estaria baseado mais na troca do que propriamente na produção, ou seja, o caráter da sociedade capitalista é engendrado pelas trocas mercantis, com ressonâncias óbvias nas relações interindividuais. De qualquer forma, é interessante insistir que a base da inspiração aparece mais como uma teoria apoiada no mecanismo da troca capitalista do que propriamente na sua produção, opção que pode transcorrer de forma a suprimir (ou pelo menos não perceber que sua origem está na compra e venda de *força de trabalho*) o papel do dinheiro na constante reprodução do capital. É também importante afirmar que o debate italiano a respeito dessa contribuição, e de como ela se relaciona com os próprios escritos de Marx, está mais avançado do que no Brasil, sendo que um número importante de publicações significativas sobre a relação Marx-Hegel e de como esta última tem incidência na interpretação marxiana da Economia encontra na Itália um ambiente propício à revisitação da produção do próprio Marx. E o mais interessante: trata-se de um conjunto de pesquisas que na sua origem tem já quase meio século (a edição original de **Dialektik der Wertform. Untersuchungen zu marxischen Ökonomiekritik**, de Hans-Georg Backhaus, é de 1969), sendo que no Brasil Helmut Reichelt (**Zur logischen Struktur des Kapitalbegriffs bei Karl Marx**, 1973) foi publicado há muito pouco tempo (**Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx**, Campinas, Editora da Unicamp, 2013) e isso nem chegou ainda a acontecer com o já referido Backhaus. Na Itália, a editora Riuniti publicou em 2009 o texto de Hans-Georg Backhaus (**Dialettica della forma di valore. Elementi critici per la ricostruzione della teoria marxiana del valore**. Roma, Editori Riuniti), que não tem ainda uma tradução para a língua portuguesa.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

decisões em nível de ação estatal, sendo que em ocasiões inúmeras, Lukács contribuiu de maneira fundamental para que a referida reflexão pudesse ser levada a efeito, inclusive do ponto de vista da relação do Ocidente capitalista (aquele que emergiu do pós-Primeira Guerra Mundial) com Stalin – e as consequências disso para um posterior equilíbrio de forças que dependeu da maneira segundo a qual a divisão internacional do trabalho agiu sobre o conjunto dos trabalhadores e atores políticos oriundos das duas esferas, sempre a partir da relação social de produção representada pelo capital, relação aliás que até hoje tem ressonâncias em aspectos relativos às relações internacionais e ao lugar da economia na sua definição¹².

Como a interpretação lukacsiana de mundo está eivada pela possibilidade de interconexão entre elos razoáveis, e para o caso de Hegel esta interpretação de Lukács está sedimentada pelo nascente posto e polarização representada pela burguesia europeia a partir da Revolução Francesa (e, mais até que isso, pelo que representou Napoleão naquela ordem de coisas), o papel atribuído à razão por Hegel o coloca como autor central para uma compreensão adequada do devir — entre uma posição romântica que entendia que o futuro devia se espelhar no passado e uma visão de futuro que não via razão alguma na fase decadente do Iluminismo, a contribuição da teoria hegeliana foi fundamental para a compreensão de que a razão está presente mesmo naquilo que, aparentemente, não tem razão alguma, na medida em que nenhuma ordem genética vem de fora do ser, cabendo à ferramenta filosófica compreender de maneira adequada (de acordo com a constituição do

¹² Naquilo que respeita especialmente à obra de Hegel, e também no sentido de confirmar o que foi dito numa das primeiras notas deste trabalho, a seguinte reflexão tem de ser anotada: “Lukács afirmou recorrentemente que Hegel representa uma típica posição de intelectual burguês muito mais aceitável do que aquela substancialmente irracional de Schelling. São aspectos dos temas que havia desenvolvido já ao final dos anos 30 em *O jovem Hegel*, livro que será publicado somente em 1948, na Suíça, posto que não se alinhava com a interpretação stalinista do pensamento hegeliano. O fato de que em 1946, em Genebra, Lukács fale abertamente a favor de Hegel, era uma novidade no campo da inteligência socialista. Além disso, Lukács sugere que em Hegel (e não no interior do marxismo da Segunda Internacional ou, por exemplo, no Lenin de *Materialismo e empiriocriticismo*) é que se encontrava a raiz de sua teoria da reflexão [rispecchiamento] — e ainda quando afirma que as contradições entre realidade e razão aparecem como contradição dialética da intelecção [intelligenza]. São temas que serão desenvolvidos no final dos anos 50 em sua *Estética* e, sobretudo, ao final dos anos 60, na *Ontologia do ser social*. Lukács vê em Hegel a unidade do desenvolvimento da filosofia antiga e da filosofia moderna; não em vão confessou que, para ele, ‘Hegel foi o último grande pensador, mesmo se hoje periódicos norte-americanos, alemães ou franceses, declarem que qualquer desconhecido é um grande pensador’. E no caso de Marx, Lukács atribuiu-lhe a tarefa de pôr abaixo a contradição na história do pensamento — e também este juízo é explicitamente anti-stalinista, uma vez que, para os filósofos soviéticos, o ponto final da filosofia burguesa se encontrava em Feuerbach e não em Hegel, assim como [para os filósofos soviéticos] os predecessores do marxismo se encontravam no materialismo do século XVIII e não no idealismo alemão. Esses pequenos detalhes demonstram como a luta anti-burocrática e anti-stalinista levada a efeito por Lukács se desenvolve em todos os níveis e ocasiões”. Cf. Infranca, Antonino & Vedda, Miguel (Introduzione). In: Lukács, György. **Testamento político e altri scritti contro lo stalinismo**. Milano, Edizioni Punto Rosso, 2015, p. 9. Os colchetes são de nossa autoria.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

objeto) quais forças dão amparo e identidade ao que está sendo estudado, sendo que o nóculo central destas forças sempre será a contradição, elemento ineliminável do próprio devir.

A filosofia de Hegel não é compreensível sem esta dupla delimitação: domínio e prioridade ontológica da razão, num mundo formado pela Revolução Francesa, ou, mais concretamente, pelo matiz um tanto diferente com que Napoleão a realizou. Esse tipo de realização da revolução confronta toda a Europa com o problema da sociedade burguesa em expansão: em sua contraditoriedade imanente, numa nova realidade, em face da qual o reino iluminista da razão — enquanto centro do pensamento filosófico — necessariamente falharia de imediato [...] A reação mais simples e direta a esse novo estado de coisas foi negar à razão toda relevância ontológica. A irratio, que o romantismo propõe como substituto, denuncia a contraditoriedade da situação mundial do presente e busca um caminho olhando para trás, para o passado entendido como terreno de uma harmonia supostamente verdadeira, ainda pré-contraditória. Uma reação diversa tem os pensadores que concebem o presente novo como transição para um reino da razão, dali por diante autêntico, que superará as contradições atuais: é o caso de Fichte, que considera o seu tempo a ‘época da completa pecaminosidade’ e vê brilhar, para além dela, a imagem futurista do efetivo reino da razão. (Por caminhos completamente diversos, os grandes utópicos também buscam uma imagem histórico-social do mundo que parte do presente do período pós-revolucionário, em sua contraditoriedade, para a partir dela indicar como real a perspectiva de sua superação no futuro.) A posição particular de Hegel entre esses dois extremos consiste em que ele pretende demonstrar filosoficamente que o próprio presente é um reino da razão, o que forçosamente eleva a contradição à condição de categoria ontológica e lógico-gnosiológica central. Hegel não é de modo algum o primeiro dialético consciente entre os grandes filósofos. Mas é o primeiro — após Heráclito — para quem a contradição forma o princípio ontológico último, e não algo a ser de algum modo filosoficamente superado, como ainda era o caso na “intuição intelectual” de Schelling. A contraditoriedade como fundamento da filosofia e, em combinação com isso, o presente real como realização da razão constituem, por conseguinte, os fundamentos ontológicos do pensamento hegeliano. Essa combinação faz com que lógica e ontologia concresem em Hegel num grau de intimidade e de intensidade até então desconhecido.¹³

O cuidado dispensado por Hegel às categorias modais, o trato teórico meticuloso, revela que o uso de ferramentas científicas (ele entendia sua própria filosofia como constituindo uma *Wissenschaft*, ou seja, possibilidade real de conhecimento do todo, no sentido mais amplo do termo) não se limita ao universo da cognição (que se ambienta, reproduz e resolve na tríade ser-essência-conceito), sendo que é altamente relevante para o próprio método a unidade entre processualidade e devir, a fim de que o real possa ser desvendado, ou seja, mais importante que o próprio ser é o processo que sobre ele atua, na medida em que esse atuar é constituinte daquele ser. “Sendo assim, o pensamento não pode estar separado do processo verdadeiro de engendramento do real — e o método dialético não é outra coisa do que a reconstituição metódica, no plano do pensamento categorial, da gênese

¹³ Cf. Lukács, György. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo, Boitempo, 2012, p. 175, Tomo I.

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

concreta da realidade”¹⁴. Por ter sempre como pano de fundo essa busca universal, uma vez que o próprio movimento do ser tem caráter generalizador, é que a teoria hegeliana empreende a reflexão lógica acerca da unidade entre história humana e natureza — um sistema que se ancora na necessidade de conhecer a gênese do ser que se desdobra em essência e, depois disso, reflete a si mesmo em consciência objetiva responsável pelo condicionamento de todo o restante das existências, uma vez que é essa a forma em que elas mesmas assentam como desenvolvimento. Se a realidade se coloca como resultado *necessário* de um processo, o conteúdo desse seu desenvolvimento pode ser conhecido racionalmente como percurso genético, numa unidade em que atuam empiria e reflexão. O mundo está no ser e este contribui para a formação do universo exterior, ou seja, tudo aquilo que é *essencial*, enquanto identidade e necessidade, mostra-se como resultado do próprio ser e não do pensamento, cuja obrigação é captar a relação entre objetividade e subjetividade, fornecendo o resultado como categoria lógica para a apreensão do conjunto do processo. E é para isso que servem as *determinações-da-reflexão* (*Reflexionsbestimmungen*), ferramentas que são preenchidas por categorias que serão também amplamente recuperadas por Marx para a apreciação do conteúdo do capital em seu movimento¹⁵.

Cabe aqui não uma nota, mas um esclarecimento. A grande importância em traduzir *Reflexionsbestimmungen* por determinações-da-reflexão¹⁶ ao invés de determinações reflexivas¹⁷ é que estaremos, em primeiro lugar, obedecendo ao conteúdo do termo conforme

¹⁴ Cf. Giacoia Junior, Oswaldo. “Prefácio”. In: Ranieri, Jesus. **Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir**. Op. cit., p. 8.

¹⁵ De maneira mais cuidadosa e demorada, as mesmas reflexões estão presentes em Ranieri, Jesus. *Trabalho e dialética. Marx, Hegel e a teoria social do devir*. Op. cit., p. 11 ss.

¹⁶ O tratamento metodológico a respeito do lugar das determinações-da-reflexão é importantíssimo para que compreendamos de maneira medianamente adequada qualquer um dos três autores com os quais estamos aqui lidando, do ponto de vista da composição daquilo que se entende por dialética, mas somente Hegel dedicou ao tema parágrafos e parágrafos para mostrar como o pensamento se apropria do real e o reproduz em termos abstratos e, aí sim, reflexivos. A referência pode ser encontrada em Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830) — mit den mündlichen Zusätzen**. Frankfurt, Suhrkamp, 1986, 3 volumes, especialmente o primeiro volume, intitulado *Wissenschaft der Logik*, parágrafos 112 a 159 referentes à doutrina da essência (*Die Lehre vom Wesen*). A seção de interesse é a segunda, “A doutrina da essência”, e todo o item “A” (A essência como fundamento da existência) é de grande importância para entendermos melhor a compreensão que o próprio Marx tinha do processo cognitivo. É bom que se registre que Marx dedicou, no conjunto da obra, pouquíssimas linhas ao tema — e talvez não seja gratuito que não somente a terminologia, mas em linhas gerais a própria compreensão hegeliana do fenômeno da razão e do entendimento, tenha permanecido como fundamento da teoria de Marx. A edição completa da *Enciclopédia das ciências filosóficas* saiu em português pela editora Loyola, com tradução de Paulo Meneses.

¹⁷ A título de exemplo, podemos citar a seguinte passagem a partir do texto de Marx em alemão, subtraída de *O capital*, comparando este original com duas traduções bastante atuais, a primeira em português e a segunda em italiano. Nas três edições o trecho é o da nota 21 do primeiro capítulo do livro I, “A mercadoria”: “Es ist mit

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

ele aparece em alemão. Ainda que haja um certo vício em edições brasileiras de tomar a reflexão por reflexividade (uma orientação da ação que vai do objeto ao sujeito), entendemos que a intenção original é apontar como ponto de partida a oportunidade subjetiva de incorporação dos objetos materiais, na medida em que somente assim será possível partir do pressuposto de que um mínimo de aporte genético, do ponto de vista biológico, é necessário para que a abstração aconteça — considerar que as determinações são reflexivas é considerar que o objeto (que pode ser matéria, mas não necessariamente consciência) sempre tem precedência, deixando em segundo plano a compleição subjetiva dos próprios sujeitos que refletem. E do ponto de vista da organização genética do ser social, é necessário que alguma apreensão subjetiva seja historicamente possível para que a consciência reúna em modelos abstratos a constituição objetiva do mundo exterior. E isso acontece porque simplesmente não é possível qualquer compreensão da conformação do real sem que um mínimo de capacidade de reflexão (no sentido de nossa capacidade de homogeneizar e generalizar abstratamente) esteja presente.

Nesse sentido, determinações-da-reflexão aparecem como o conteúdo de um confronto originário entre o ser humano e seu ambiente exterior. A apreensão humana principia com o deparar-se com o outro exterior (não é à toa, portanto, que em alemão a palavra *objeto* seja *Gegenstand*, ou o estar contra aquilo que fica defronte) e a retenção dessa experiência acontece exatamente da forma como esses objetos surgem, ou seja, imediata e isoladamente. A imediatez daquilo que aparece, fenômeno, tende, porém, a tornar-se o seu contrário, na medida em que a diferença visível de cada singularidade permite aos objetos uma relação de reciprocidade mútua ancorada justamente nas diferenças entre eles, diferença que se institui a partir de suas particularidades — e essa relação pode ser acompanhada pela

solchen Reflexionsbestimmungen überhaupt ein eigenes Ding. Dieser Mensch ist z.B. nur König, weil sich andre Menschen als Untertanen zu ihm verhalten. Sie glauben umgekehrt Untertanen zu sein, weil er König ist” (Marx, Karl. *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. In: Karl Marx & Friedrich Engels Werke*, Band 23, Buch I, Berlim, Dietz Verlag, 1962, p. 72 — “Isso é algo próprio de tais determinações-da-reflexão em geral. Este homem, por exemplo, é rei porque outros homens se relacionam com ele como súditos. Eles acreditam ser súditos, ao contrário, porque ele é rei” — tradução nossa). “Tais determinações reflexivas estão por toda parte. Por exemplo, este homem é rei porque outros homens se relacionam com ele como súditos. Inversamente, estes creem ser súditos porque ele é rei” (Marx, Karl. *O capital*. São Paulo, Boitempo, 2013, p. 134). “È questa una stranezza tipica della determinazione delle riflessione in genere. Questo uomo per es. è re solo perché altri uomini si rapportano a lui come sudditi. Essi credono, viceversa, di essere sudditi perché lui è re” (Marx, Karl. *Il capitale. Critica dell’economia politica. In: Opere di Marx ed Engels*, volume XXXI, libro primo, Roma, Editori Riuniti, 2012, p. 68). Cumpre lembrar também que o próprio Lukács (*Ontologia dell’essere sociale*, trad. It. di A. Scarponi, Editori Riuniti, Roma, 1976, vol. I, p. 225) atribui a Hegel como sendo sua “mais importante descoberta metodológica” o desenvolvimento das determinações-da-reflexão. Cf. Cesarale, Giorgio. *Op. cit.*, p. 8.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

consciência que, por sua vez, reflete sobre elas, conhecendo aquilo que são a partir de cada identidade espelhada em e na sua relação com outros singulares. Trata-se de determinações oriundas da reflexão, da acomodação do ser exterior mundano em espaços abstratos constituídos pela consciência humana que reflete. Quer dizer, se a determinação fosse puramente reflexiva não teríamos como saber qual o processo que, em si, conformou o próprio objeto para que ele passasse a ser objeto do conhecimento, aparecendo o sujeito somente como componente prático-empírico das determinações oriundas do mesmo objeto.

Como o singular só pode ser constatado a partir de seus predicados, reconhecidos que são pelo ato de refletir, a realidade toda está em contato consigo mesma, na medida em que qualquer elemento sensível é distinto de si mesmo na relação de alteridade que o identifica. O papel da consciência que reflete é o de reproduzir conceitualmente o conteúdo do mundo material por meio do reconhecimento da predicação, ou seja, reconhecer o que de *dialético* há no mundo material ao perceber que o singular, no seu excluir de si o outro, refere-se a ele e dele depende e, nessa medida, vai além de si mesmo — o singular é mediatizado pelo outro e tem no interior de si, por isso, as propriedades daquilo que o define enquanto diferença¹⁸. O vir-a-ser que se refere a outro é, assim, o primeiro passo na identificação possível da singularidade imediata. As determinações que compõem essa relação são denominadas *determinações-da-reflexão* não pelo fato de interferirem intelectualmente no universo das particularidades predicativas dos entes singulares (iniciativa que pode, é claro, ser efetivada, já que toda consciência se compõe também pela sua intervenção ativa), mas por reconhecerem essas qualidades e separarem-nas mentalmente a partir da percepção de sua diferença na identificação de cada singular. Trata-se da possibilidade da reflexão determinar o mundo material por meio de um processo unitário de homogeneização desse universo. Essa é a maneira pela qual a consciência pode apreender (*Wahrnehmen*) o mundo¹⁹.

As determinações-da-reflexão funcionam, então, não somente como vínculo objetivo inserido num aparato de percepção do multiverso mundano; elas são responsáveis também e principalmente pela incorporação desse aparato na sua mutação em universo de valoração, uma vez que a identificação do mundo nos termos da generalização e homogeneização é o primeiro passo no sentido de vencer esse mesmo mundo e condicioná-lo

¹⁸ Cf. Hegel. Georg Wilhelm Friedrich. **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaft im Grundrisse (1830)**. Op. cit., v. 3, p. 208, adendo ao parágrafo 419.

¹⁹ Vide, a respeito, Ranieri, Jesus. **Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir**. Op. cit., p. 55ss.

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

segundo a consciência movente das próprias necessidades — se não há consciência sem abstração, menos ainda há consciência sem valorização. Em outras palavras, determinações-da-reflexão constituem-se como vínculo e também julgamento a respeito do mundo interior e do mundo exterior, na medida em que eles têm de ser dissolvidos na forma de categorias da reflexão. E a medida da reflexão é a certeza de que o mundo é mutável e de que a mudança exige um método capaz de acompanhar o movimento de mutação que, em si mesmo, representa já um universo de conexões que para ser compreendido deve, como já dito aqui insistentemente, exigir do referido método o estar à altura da apresentação da forma de ser do objeto mesmo. A abstração tem por compromisso distinguir o que no movimento é expressão da dialética, ou seja, o compromisso de acompanhar as diferentes formas de constituição do ser, obedecendo e compreendendo quais as restrições que as diferentes etapas desta constituição impõem à análise. Da mesma forma, a passagem das fases inferiores às fases superiores de formação do ser, deve aparecer como objeto da referida abstração, pois esta é capaz de recodificar o conjunto das determinações, em que serão objeto inclusive as próprias determinações-da-reflexão — o tratamento dispensado às ideologias por Marx e Lukács, por exemplo, é uma das formas possíveis de compreendermos tal afirmação, na medida em que ideologias se confirmam como tentativas, válidas ou não, de dirimir conflitos sociais.

A relação interna entre os processos geradores dessas abstrações não surge, porém, imediatamente como aporte científico no sentido de compreensão imediata do mundo exterior e de como este último se forma a partir das conexões que o determinam. Há um espaço existente entre a apropriação intelectual da matéria e a avaliação correta a respeito das suas determinações e, portanto, do conjunto formador de sua identidade. Na filosofia de Hegel, a distinção acontece entre aquilo que é o entendimento ou intelecto (*Verstand*) e a razão (*Vernunft*), sendo que somente a segunda é capaz de compreender adequadamente a complexidade e complexificação do real do ponto de vista de sua contraditoriedade interna, ou seja, capaz de decodificar e reproduzir racionalmente a identidade e hierarquia das conexões e determinações – e é importante que se diga que a herança marxiana desse princípio hegeliano tem a ver com a percepção, por Marx, de que a distinção entre entendimento e razão não é o mesmo que a existência de uma duplicidade entre um intelecto puramente empírico em conflito com uma atividade intelectual transcendente e irracional²⁰.

²⁰ A respeito, vide especialmente: Lukács, György. **A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. São Paulo, Ciências Humanas, 1979, p. 79 ss.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

Nesse sentido, parte significativa do debate travado por Marx com a Filosofia e também com a Economia Política certamente se ancorava no princípio canônico de que a existência social se compõe como unidade, ainda que em termos também sociais esta unidade apareça como contradição, como resultado da “interação entre inúmeros processos heterogêneos”. Enfim, que a própria produção social e sua reprodução “não deve[m] ser entendida[s] como uma unidade homogênea em si, com o que se impediria — com essa incorreta homogeneização simplificadora — um conhecimento adequado da sociedade”²¹. Entendimento e razão estão paralelos à explicação que pode ser dada pela legitimação da pura empiria, por um lado, e o lugar da reflexão, por outro. Mas um alerta sempre deve estar presente e isso Marx costuma deixar claro no teor de seus escritos: tanto empiria como reflexão podem também estabelecer uma distância do objeto que impede que ele seja conhecido como o que realmente é e, nesse sentido, se a homogeneização é especulativa ou positivista, pouca diferença faz²².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKHAUS, Hans-Georg. *Dialettica della forma di valore. Elementi critici per la ricostruzione della teoria marxiana del valore*. Roma: Editori Riuniti, 2009.

CESARALE, Giorgio. *Filosofia e capitalismo*. Roma: Manifestolibri, 2013.

FINELLI, Roberto. *Un parricidio mancato. Hegel e il giovane Marx*. Torino: Bollati Boringhieri, 2004.

GIACOIA JR., Oswaldo. “Prefácio”. In: Ranieri, Jesus. *Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830) (mit den mündlichen Zusätzen)*. Frankfurt: Suhrkamp, 1986. (G.W.F. Hegel Werke, 3 v.)

²¹ Ibidem, p. 67. Colchetes de nossa autoria.

²² Cf., *ibidem*.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------

HEGEL E MARX – APRESENTAÇÃO DE UM DIÁLOGO E O LUGAR...

Jesus Ranieri

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio* (1830). São Paulo: Loyola, 1995-1998. 3 v.

_____. Quem pensa abstratamente? In: *Revista Síntese Nova Fase*, v. 22, no. 69. Belo Horizonte, 1995, p. 235-240.

INFRANCA, Antonino & VEDDA, Miguel (Introduzione). In: Lukács, György. **Testamento político e altri scritti contro lo stalinismo**, Milano: Edizioni Punto Rosso, 2015.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, tomo I, 2012.

_____. *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. *A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. *Testamento político e altri scritti contro lo stalinismo*. Milano: Edizioni Punto Rosso, 2015.

MARX, Karl. *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*. Berlim: Dietz, 1989-2001, MEGA II/5.

_____. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. In: *Karl Marx & Friedrich Engels Werke*, Band 23, Buch I. Berlim: Dietz Verlag, 1962.

_____. *O capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

RANIERI, Jesus. *Trabalho e dialética. Hegel, Marx e a teoria social do devir*. São Paulo: Boitempo, 2011.

RIVA, Tommaso Redolfi. Teoria critica della società? Critica dell'economia politica. Adorno, Backhaus, Marx. In: *Consecutio Temporum* no. 5, Roma, 2013. Consultada em: <www.consecutio.org/2013/10/teoria-critica-della-societa-critica-delleconomia-politica-in-adorno-backhaus-marx/>.

VINCI, Paolo. *La forma filosofia in Marx. Dalla critica dell'ideologia alla critica dell'economia politica*. Roma: Manifestolibri, 2011.

VANZULLI, Marco. *La critica tra scienza e politica. Scritti su Marx*. Roma: Aracne editrici, 2015.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 11	n. 25	Janeiro - Junho 2022	p. 100 - 115
--------------------------	--------	-------	----------------------	--------------